



236 Luis Manzolillo

Morar bem não preocupa candidatos

A concentração de candidatos ao Senado e à Câmara dos Deputados residentes nas áreas de maior nível de renda do Distrito Federal (Plano Piloto, Lagos Sul e Norte e Park Way) não parece impressionar os partidos e políticos de Brasília. Eles encaram o fato como muito natural ou apelam para argumentos sociológicos ou históricos para dizer que isso nada tem a ver com a falta de oportunidades iguais ou influência do poder econômico.

Nesse tipo de malabarismo político-eleitoral ganham destaque as explicações tentadas pelo Partido dos Trabalhadores, que além de carregar a acusação de formar uma chapa infestada de intelectuais (arquitetos, geógrafos, professores universitários, médicos, etc) viu-se incluído, ao lado do PMDB, entre os 13 partidos que têm 100 por cento de seus candidatos ao Senado residentes nas áreas mais privilegiadas de Brasília.

Segundo Geraldo Magela, do Comitê Unificado do PT, os gráficos publicados ontem pelo **CORREIO BRAZILIENSE** permitem várias leituras, e nem assim dizem toda a verdade. Destaca, por exemplo, que os três candidatos ao Senado são assalariados. Carlos Magela, ainda, argumenta, em reforço de sua tese, com o desafio de que cada candidato ao Senado por Brasília faça de público declarações de bens e de renda para o eleitorado verificar que o poder econômico também está nas cidades-satélites.

Luiz Manzolillo, presidente do PSB, busca outros caminhos para negar o privilégio de candidatos do Plano Piloto. Supõe que há discrepância entre os dados pessoais fornecidos pelos candidatos e o domicílio eleitoral de cada um deles, comprovado pelo título de eleitor. Por esse critério, diz ele, "o PSB é o partido de melhor distribuição geográfica de candidatos no Distrito Federal, com metade dos candidatos à Câmara dos Deputados residentes na Ceilândia, Guará, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Taguatinga e Sobradinho. E é, também, o único partido a ter um candidato ao Senado residente na Ceilândia".

Júlio Silvério, do diretório regional do PDC no Cruzeiro, ve o fenômeno por outro ângulo, e justifica a concentração de candidatos no Plano Piloto com um argumento histórico. "As primeiras pessoas que aqui chegaram e que aqui firmaram suas lideranças ficaram no Plano Piloto porque, simplesmente, as cidades-satélites ainda nem existiam ou ofereciam precárias condições de vida e de atividade política".

O presidente do PC do B, Paulo Cassis, não vê importância marcante na distribuição geográfica dos candidatos. Seu argumento é de que o mais importante é a identificação dos candidatos com as mudanças. E que na futura Assembleia Nacional Constituinte haveria representação mais efetiva dos operários e camponeses.